



I. SONETOS

SONETO 1 (35-40)

ALEGRES CAMPOS, verdes arvoredos,
 Claras e frescas águas de cristal,
 Que em vós os debuxais ao natural,
 Discorrendo da altura dos rochedos;
 Silvestres montes, ásperos penedos,
 Compostos em concerto desigual:
 Sabei que, sem licença de meu mal,
 Já não podeis fazer meus olhos ledos.
 E, pois me já não vedes como vistes,
 Não me alegrem verduras deleitosas
 Nem águas que correndo alegres vêm.
 Semearei em vós lembranças tristes,
 Regando-vos com lágrimas saudosas,
 E na[s]cerão saudades de meu bem.

SONETO 2 (13-19)

ALMA MINHA gentil, que te partiste
 Tão cedo desta vida, descontente,
 Repousa lá no Céu eternamente
 E viva eu cá na terra sempre triste.
 Se lá no assento etéreo, onde subiste,
 Memória desta vida se consente,
 Não te esqueças daquele amor ardente
 Que já nos olhos meus tão puro viste.
 E se vires que pode merecer-te
 Algũa cousa a dor que me ficou
 Da mágoa, sem remédio, de perder-te,
 Roga a Deus, que teus anos encurtou,
 Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
 Quão cedo de meus olhos te levou.

SONETO 9 (...-95)

1 AQUELA QUE, de pura castidade,*
 De si mesma tomou cruel vingança
 Por ùa breve e súbita mudança,
 Contrária a sua honra e qualidade;
 5 Venceu à fermosura a honestidade,
 Venceu no fim da vida a esperança,
 Porque ficasse viva tal lembrança,
 Tal amor, tanta fé, tanta verdade.
 De si, da gente e do mundo esquecida,
 10 Feriu com duro ferro o brando peito,
 Banhando em sangue a força do tirano.
 Estranha ousadia! estranho feito!
 Que, dando morte breve ao corpo humano,
 Tenha sua memória larga vida!

SONETO 10 (18-24)

1 AQUELA TRISTE e leda madrugada,
 Cheia toda de mágoa e de piedade,
 Enquanto houver no mundo saudade
 Quero que seja sempre celebrada.
 5 Ela só, quando amena e marchetada
 Saía, dando ao mundo claridade,
 Viu apartar-se de ùa outra vontade,
 Que nunca poderá ver-se apartada.
 Ela só viu as lágrimas em fio.
 10 Que de uns e de outros olhos derivadas,
 Se acre[s]centaram em grande e largo rio.
 Ela [ou]viu as palavras magoadas*
 Que puderam tornar o fogo frio
 E dar descanso às almas condenadas.

SONETO 11 (...-79)

1 BEM SEI, Amor, que é certo o que receio;
 Mas tu, porque com isso mais te apuras,
 De manhoso mo negas e mo juras
 No teu dourado arco; e eu to creio.
 5 A mão tenho metida no teu seio
 E não vejo meus danos, às escuras;
 E tu contudo tanto me asseguras,
 Que me digo que minto, e que me enleio.
 Não somente consinto neste engano,
 10 Mas inda to agradeço, e a mi[m] me nego
 Tudo o que vejo e sinto de meu dano.
 Oh! poderoso mal a que me entrego!
 Que, no meio do justo desengano,
 Me possa inda cegar um Moço cego!

PRIMEIRA PARTE / SONETOS

SONETO 12 (9-15)

BUSQUE AMOR novas artes, novo engenho,
Pera matar-me, e novas esquivanças;
Que não pode tirar-me as esperanças,
Que mal me tirará o que eu não tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.
Mas, conquanto não pode haver desgosto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê;
Que dias há que na alma me tem posto
Um não sei quê, que na[s]ce não sei onde.
Vem não sei como, e dói não sei porquê.

SONETO 13 (17-23)

CARA MINHA inimiga, em cuja mão
Pôs meus contentamentos a ventura,
Faltou-te a ti na terra sepultura,
Por que me falte a mi[m] consolação.
Eternamente as águas lograrão
A tua peregrina fermosura;
Mas, enquanto me a mi[m] a vida dura,
Sempre viva em minha alma te acharão.
E, se os meus rudos versos podem tanto
Que possam prometer-te longa história
Daquele amor tão puro e verdadeiro,
Celebrada serás sempre em meu canto;
Porque, enquanto no mundo houver memória,
Será minha escritura teu letreiro.

SONETO 14 (...-3)

COM GRANDES esperanças já cantei,
Com que os Deuses no Olimpo conquistara;
De[s]pois vim a chorar, porque cantara;
E agora choro já, porque chorei.
Se cuido nas passadas que já dei,
Custa-me esta lembrança só tão cara,
Que a dor de ver as mágoas que passara,
Tenho pela mor mágoa que passei.
Pois logo, se está claro que um tormento
Dá causa que outro na alma se acre[s]cente,
Já nunca posso ter contentamento.
Mas esta fantasia se me mente?
Oh! ocioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino em ser contente!...

330

Já toma a branda lira
Na mão que a dura Pélias meneára;
Ali canta e suspira
Não como lhe ensinara
O Velho, mas o Moço que o cegara.

30

Pois, logo, quem culpado
Será, se, de pequeno, oferecido
Foi logo a seu cuidado,
No berço instituído
A não poder deixar de ser ferido?

35

Quem, logo fraco infante,
De outro mais poderoso foi sujeito,
Que pera cego amante
Foi de princípio feito,
Com lágrimas banhando o brando peito?

40

Se agora foi ferido
Da penetrante seta e força de erva,
E se Amor é servido
Que sirva à linda serva,
Pera que minha estrela me reserve?

45

O gesto bem talhado,
O airoso meneio e a postura,
O rosto delicado,
Que na vista afigura
Que se ensina por arte a fermosura,

50

Como pode deixar
De cativar quem tenha entendimento?
Que, quem não penetrar
Um doce gesto, atento,
Não lhe é nenhum louvor viver isento.

55

Que aqueles cujos peitos
Ornou de altas ciências o destino.
Esses foram sujeitos
Ao cego e vão Menino,
Arrebatados do furor divino.

60

O Rei famoso hebreio,
Que mais que todos soube, mais amou;
Tanto, que a deus alheio
Falso sacrificou;
Se muito soube e teve, muito errou.

65

E o grão Sábio que ensina,
Passeando, os segredos da Sofia,
A ba[i]xa concubina
Do vil eunuco Hermia
Aras ergueu que aos Deuses só devia.

Aras ergue a quem ama
O Filósofo insigne namorado.
Dói-se a perpétua fama
E grita que culpado
De lesa divindade é acusado.

Já foge de onde habita;
Já paga a culpa enorme com desterro.
Mas, oh! grande desdita!
Bem mostra tamanho erro
Que doutos corações não são de ferro.

Antes na altiva mente,
No su[b]til sangue e engenho mais perfeito,
Há mais conveniente
E conforme sujeito
Onde se imprima o brando e doce afeito.

ODE 2 (...-8)

AQUELE único exemplo *
De fortaleza heróica e ousadia,
Que mereceu, no templo
Da Fama eterna, ter perpétuo dia,
O grão filho de T[h]étis, que dez anos
Flagelo foi dos míseros Troianos,

Não menos ensinado
Foi nas ervas e médica polícia
Que destro e costumado
No soberbo exercício da milícia:
Assi[m] que as mãos que a tantos morte deram,
Também a muitos vida dar puderam.

E não se desprezou,
Aquele fero e indômito mancebo,
Das artes que ensinou
Pera o lânguido corpo e intenso Febo;
Que, se o temido Heitor matar podia,
Também chagas mortais curar sabia.

Tais artes aprendeu
Do semiviro mestre e douto velho,
Onde tanto cre[s]ceu

Que a teu 'valor resistia brandamente?
Quanto mais fraca gente,
Que ao humano parecer não se defende,
E a mesma Vénus deusa ao teu se rende?

FRONSO

300 E, pois, fé verdadeira, amor perfido,
Tormento desigual e vida triste,
Junta com um contínuo sofrimento
305 E um mal, em que todo o mal consiste,
Não puderam mover teu duro peito
A amostres sequer contentamento
De veres meu tormento,
Mas antes isto tudo desprezaste
310 E a outrem te entregaste,
Por me não ficar nada em que esperasse,
Senão quando acabasse
A vida, que a meu mal é tão comprida,
Perca, quem te perdeu, também a vida.

DOUTANO

315 Longo curso de tempo e apartado
Lugar, a um corção que está entregue,
Não podem apartar de seu intento.
Por que foges, cruel, a quem te segue?
320 Não vês que teu fugir é escusado,
Que sem mi[n]i nunca estás um só momento?
Nenhum apartamento,
Inda que a alma do corpo se me aparte,
325 Poderá ausentar-te
Desta alma triste, que continuamente
Em si te tem presente.
Torna, cruel; não fujas a quem te ama;
Vem dar a morte ou vida a quem te chama.

•

330 A Noite escura, triste e tenebrosa,
Que já tinha estendido o negro manto,
De escuridade a Terra toda enchendo,
Fez pôr a estes pastores fim ao canto,
Que ao longo da ribeira deleitosa
Vinham seu manso gado recolhendo.

335 Se aquilo que eu pretendo
Deste trabalho haver, que é todo vosso,
Senhora, alcançar posso,
Não será muito haver também a glória
E o louro da vitória,

Que Virgílio, proovir
pou e mesmo Virgí

DE ACORDO
COM

Passado já algum
De Ameno, por
Porque nunca se
Entre uns verdes
Regado pelo ca
Em lágrimas car
Quando a linda
Co monte em se
Co prado em se
Por quem o tr
Pela praia do
A levar a bea
Tá o sol conse
Que saísse da

E acordado i
Que tão des
Vin por ace
E, porque o
Al mais em
Não lhe sei
Como hom
A quem de
A confianç
E de j. poi
Treme, ta
Tá se arre
Destarte
Ousa, att

E, tendo
Cometeu
E tirou
Cometiu
Que tua
Perder
As mã
Vias as
Lembr
As ág
Remet

19
2

16
10

R4 III

HENRI PEYRE

DE CAMÕES / OBRA COMPLETA / PRIMEIRA PARTE / EGLOGAS

idamente?

io se defende,
teu se rende?

so
perfeito,
iste,
yfrimento
al consiste,
iro peito
amento

aste

ue esperasse,

comprida,
ím a vida.

rtado
entregue,
ento.
te segue?
ado,
m só momento?

e aparte,

mente

te ama;
m te chama.

ia,
manto,
hendo,
canto,

do.

'osso,

lória

Que Virgílio procura e haver pretende,
Pois o mesmo Virgílio a vós se rende.

ÉGLOGA 7 (3-3)
DE ALMENO E BELISA, CONTINUANDO
COM A PASSADA [(2-2)]

PASSADO JÁ algum tempo que os amores
De Almeno, por seu mal, eram passados,
Porque nunca Amor cumpre o que promete,
Entre uns verdes olmeiros apartados,
Regando pelo campo as brancas flores,
Em lágrimas cansadas se derrete,
Quando a linda pastora, que compete
Co monte em aspreza,
Co prado em gentileza,
Por quem o triste Almeno endoudecia,
Pela praia do Tejo discorria
A lavar a beatilha e o trançado.
Já o sol consentia
Que saísse da sombra o manso gado.

E acordado já do pensamento
Que tão desacordado o sempre teve,
Viu por acerto o bem que incerto tinha.
E, porque onde Amor a mais se atreve,
Ali mais enfraquece o entendimento,
Não lhe soube dizer o que convinha.
Como homem que à aprazada briga vinha,
A quem de fora engana
A confiança humana,
E de[s]pois, vendo o rosto a quem resiste,
Treme, teme o perigo, e não insiste,
Já se arrepende, a audácia lhe falece;
Destarte o pastor triste
Ousa, arreceia, esforça e enfraquece.

E, tendo assi[m] atônito o sentido,
Cometeu com furor desatinado,
E tirou da fraqueza o coração.
Cometimento foi desesperado,
Que ùa só salvação tem um perdido:
Perder toda a esperança à salvação.
As mágoas, que passaram, se dirão;
Mas as que ela dizia,
Lembrando-lhe que via
As águas murmurar do Tejo amenas,
Remeto a vós, ó tágides Camenas,

Quão cedo de meus olhos te levou.

19
T. BRASILEIRA III

16
10.

HENRI PEYRE

LUIS DE CAMÕES / OBRA COMPLETA / PRIMEIRA PARTE / ÉGLOGAS

428

135

Que já de mi[m] me esqueço coa lembrança
Desta mudança que esquecer não sei.
Bem que eu virei mudar a opinião,
Que, enfim, homens são, a que o esquecimento
Depressa faz mudar o pensamento.

ALMENO

140

145

150

155

160

Se a vista não me engana a fantasia,
Como já me enganou mil vezes, quando
Minha ventura enganos me sofria,
Parece-me que vejo estar lavando
Úa Ninfa um véu no claro Tejo,
Que se me está Belisa afigurando.
Não pode ser verdade isto que vejo;
Que facilmente aos olhos se afigura
Aquilo que se pinta no desejo.
Oh! acontecimento que a ventura
Me dá pera mor dano! Esta é, certo,
Que não é de outrem tanta fermosura.
Se poderei falar-lhe de mais perto?
Mas fugir-me-á; não pode ser, que o rio
Pera acolá não tem caminho aberto.
O' temor grande! ó grande desvario,
Que a voz me impide, e a língua negligente
Destarte está tornando o peito frio!
De quanto me sobeja, estando ausente,
Que, pera lhe falar, sempre imagino,
Tudo me falta agora em estar presente.
Oh! aspeito suave e peregrino!
Pois como tão asinha assim se esquece
Úa fé verdadeira, um amor fino?

BELISA

165

Ó altas Semidéias! pois padece
Em vosso rio a honra delicada
De quem tamanha força não merece,
Ou seja por vós, Ninfas, reservada,
Ou nalgũa árvore alta ou pedra dura
Seja por vós asinha transformada.

ALMENO

170

Ah! Ninfa! não te mudes a figura;
Nem vós, Deusas, queirais que eu seja parte
De se mudar tamanha fermosura.
Porque a quem falta a voz pera falar-te,
E a quem falece a língua e ousadia,
Também faltarão mãos pera tocar-te.

Que me queres, Almeno
Foi a tua, tão áspera,
Minha vontade não to
Se com amor o fazes, e
Que amor que tanto m
Não pode ser amor, n
Não és tu de saber tão
Que tão sem siso ama

Onde viste tu, Ninfa,
Por que te não alem
Com meus tormento
Com teus fermosos
Como te esquece
Que folgavas de le
O que de ti escrev
Como tão prestes
Do amor que mos
Se o vós, ó altos
Por que te não a
A que, só por m
Buscando horas
Coa maçã de D
Que Vênus, qu
Tu, como mais
E, escondendo
Ias fugindo, co
Da namorada
Não era esta
Com que, en
Cidipe se en
Nem a que
Mas era aq
O pastor ca
Se más ten
Em nosso
Por que p
Quem des
Nunca te
Que o fir

Mal con
Que, se
Meus o

S DE CAMÕES / OBRA COMPLETA / PRIMEIRA PARTE / EGLOGAS

BELISA

Que me queres, Almeno, ou que porfia
 Foi a tua, tão áspera, comigo?
 Minha vontade não to merecia.
 Se com amor o fazes, eu te digo
 Que amor que tanto mal me faz em tudo
 Não pode ser amor, mas inimigo.
 Não és tu de saber tão falto e rudo
 Que tão sem siso amasses como amaste.

ALMENO

Onde viste tu, Ninfa, amor sisudo?
 Por que te não alembra que folgaste
 Com meus tormentos tristes, e algũa hora
 Com teus fermosos olhos já me olhaste?
 Como te esquece já, gentil pastora,
 Que folgavas de ler nos freixos verdes
 O que de ti escrevia cada hora?
 Como tão prestes a memória perdes
 Do amor que mostravas, que eu não digo,
 Se o vós, ó altos montes, não disserdes?
 Por que te não alembra do perigo
 A que, só por me ouvir, te aventuravas,
 Buscando horas de sesta, horas de abrigo?
 Coa maçã de Discórdia me tiravas;
 Que Vênus, que a ganhou por fermosura,
 Tu, como mais fermosa, lha ganhavas.
 E, escondendo-te entre a espessura,
 Ias fugindo, como vergonhosa
 Da namorada e doce travessura.
 Não era esta a maçã de ouro fermosa
 Com que, encoberta assi[m] de astúcia tanta,
 Cidipe se enganou, de cobiçosa,
 Nem a que o curso teve de Atalanta;
 Mas era aquela com que Galateia
 O pastor cativou, como ele canta.
 Se más tenções puseram nód[o]ja feia
 Em nosso firme amor, de inveja pura,
 Por que pagarei eu a culpa alheia?
 Quem desta fé, quem deste amor não cura,
 Nunca teve sujeito o coração;
 Que o firme amor coa alma eterna dura.

BELISA

Mal conheces, Almeno, ãa afeição;
 Que, se eu desse amor tenho esquecimento,
 Meus olhos magoados to dirão.

1

2

Donde só por remédio espero a morte.
Não vos pude calar esta verdade,

10

Me deu o mal, levou-me o sofrimento.

Ah! duro Amor, cruel e desumano:

Não vos lembre, Senhora, meu tormento,

Que este bem o mereça a Ousadia

De eu empregar em vos meu pensamen-

Lembre-vos um amor que, cada dia,

Que alheio me traz já do que sói.

Que amoro me dá, e que
Não nego que o pagueis como merece,

Que não mereço eu tanto; mas só peço
que não me esqueçais que desmerece.

Que por mil[m] não cuicris q-

Porque, se so por a...

Que a suprir a sua parte desmereço,

Quanto eu deixo de sofrer por não tomar o sofrimento

Bem vejo que em...

Pera Vive!, mueren los desordenados atrevimiento.

Que um tão desordenado, já agora, que o vive, menos, já agora,

Mas eu, que sou

Que de todo al mundo, cada hora,
Que de vida os males cada hora,

Vao colla a vici manifestar meu mal, s

Vos quis **manuscrito**
desventura se aventura
atando

A quanta desventura
 pode fazer o que eu pretendo.

Quem preleente — minha ventura

Quisesse — O...
vós esta ousadia

Que castigassers vos
— a qual morte, triste e dura:

Com uma crueldade mortal, mas seria

Que não seria morte, doce e brando;

Um suave remeio, a cada dia.

Deste mal, que me atormenta
Carbora, e até quando

Até quando, Senhor, a
vossa crueza,
vossa chamando?

Terá lugar em vos [m], que a escola

E a morte não cura
o meu amor vossa dureza,
tal cura,

Abrarde meu [transforma com

8)

treveimento

forte

ento;

sorte,

ide

morte.

nano

nidade.

no,

mento.

ol

ornento,

samento.

lia,

o

ne cre[s]ce,

l.

erece,

peço

desmerece.

o

go,

nto

to.

fora,

do

ndo

ndo.

ntura

chamando?

tal cura,

A alma, por que veja e exprimente
Que não tem fim a grão desventura.
Abrande já úa dor que juntamente
A vida penetrou e a alma triste,
E lhe roubou o estado seu contente.
Mostrai-vos poderosa em quem insiste *
Em desobedecer ou enojar-vos,
E não já contra quem vos não resiste.
Em quem cuidar que d[il]gno foi de amar-vos
Mostrai vosso poder, pois o não sou tão só de olhar-vos.
Em mil[n] não, que o não sou tão só de olhar-vos.
Aentai por úa alma que se esquece
De si, porque em vós pôs sua lembrança,
E tal que em nenhum tempo desfalece.
Nem suspeito que possa haver mudança
Num coração que mais que a si vos ama.
Dai-lhe já morte, ou vida, ou esperança,
Que tudo será glória, por tal Dama!

ELEGIA 10 (1668-85)

1 MORTE DE D. MIGUEL DE MENESES, FILHO DE D. HENRIQUE
DE MENESES, GOVERNADOR DA CASA DO CIVEL, QUE
MORREU NA ÍNDIA.

QUE NOVAS triste são, que novo dano,
Que mal inopinado incerto soa,
Tingindo de temor o vulto humano?
Que vejo as praias úmidas de Goa
Ferver com gente atônita e turvada
Do rumor que de boca em boca voa: *
— É morto D. Miguel (ah! crua espada!)
E parte da lustrosa companhia
Que se embarcou na alegre e triste armada;
E de espingarda ardente e lança fria
Passado pelo torpe e iníquo braço
Que nossas altas famas injuria! —
Não lhe valeu rodela ou peito de aço,
Nem ânimo de avós altos herdado,
Com que se defendeu tamanho espaço;
Não ter-se em derredor todo cercado
De corpos de inimigos, que exalavam
A negra alma do corpo traspassado;
Não com palavras fortes que voavam
A animar os incertos companheiros,
Que fortes caem e tímidos viravam!
Mas já postos nos termos derradeiros,
Passados por mil partes e cortados
Os membros, só do nobre esforço inteiros;

120 Que mal natura nossa determina
 Medo, esperanças, dores e alegria,
 Como o Cínico velho nos ensina.
 Imanidade estúpida (diria
 125 É não sentir afeitos) e vil rudeza
 Porém, se não sentir nada é bruteza
 E se paixão de vida se consente,
 Também o sentir muito é já fraqueza.
 Se dói a opinião do mal presente,
 E medo e opinião do mal futuro,
 São, enfim, tudo opiniões da gente.
 130 O verdadeiro sábio está seguro
 De leves alegrias e de espanto,
 De dor, que turba da alma o licor puro.
 Inda antes que aconteça o riso e o pranto,
 135 Os tem já no sentido meditados;
 Livre está de alvoroço e de quebranto.
 E como de alta torre vê cuidados
 Humanos vãos, e aquela diferença
 De ambições e cobiças e pecados,
 140 Todo caso acha nele só presença;
 Que como as febres são da carne humana,
 Assim os afeitos de alma são doença.*
 Se esta doutrina credes que é profana,
 Ponde os olhos na nossa, que é divina,
 E sobre todas santa e soberana.
 145 Vereis Arão, que não se contamina
 Sobre os montes seus, que defendida
 A dor lhe foi da santa disciplina.
 Não chega a ver parentes que da vida
 Partidos são, que na alma a Deus agrada
 150 Que nenhũa aflição do mundo impida.
 Nós somos geração a Deus dicada
 Sacerdotal, que em tempo nenhum deve
 Do gentílico culto ser tocada.
 Se dos antigos Padres já se escreve
 155 Que, chorando, aos mortos enterraram
 Com dor e pranto público, e não leve,
 Era porque inda as portas não quebraram
 Do Céu sereno aquelas mãos cravadas
 160 Que os antigos contágios alimpavam,
 E também por ornar as sempre usadas
 Pompas do funeral enterramento
 Com públicas exéquias costumadas.
 Esta alta fortaleza e sofrimento
 Como a forte varão vos é devido

termina
 e alegria,
 ensina.
 il rudeza
 a alma cria.*
 é bruteza
 sente,
 já fraqueza.
 presente,
 futuro,
 da gente.
 guro
 nto,
 o licor puro.
 riso e o pranto,
 tados;
 e quebranto.
 cuidados
 iferença
 pecados,
 resença;
 carne humana,
 ão doença.*
 e profana,
 ue é divina,
 rana.
 tamina
 defendida
 iplina.
 e da vida
 Deus agrada
 do impida.
 licada
 nhum deve
 creve
 nterraram
 ão leve,
 o quebraram
 cravadas
 param,
 e usadas
 o
 adas.
 o
 o

E como lei do Santo Documento.
 Bem conheço que o corpo assi[m] perdido,
 Que do sepulcro nobre aqui carece,
 Será de aves ou feras consumido.
 Mas também nisto vi que se parece
 Co do grão bisavô, que pela vida
 Real a sua às lanças oferece.
 Fazendo com seus membros impedida
 A passagem aos feros Tingitanos,
 Ficou sem sepultura merecida,
 E lá nos apo[u]sentos soberanos
 O recebem da palma coroadado,
 Desprezando do corpo ba[i]xo os danos.
 E ele diz que das gentes enterrado
 Qualquer corpo será; mas quem morreu
 Por Deus, é só dos Anjos sepultado.
 Que mais rico e fermoso mausoléu?
 Que pirâmides altas, que figura
 De mortalha que chegue a estar no Céu?
 Fácil é a perda aqui da sepultura;
 Diógenes prudente e Teodoro
 Pouco sentem do corpo essa jactura.
 Assi[m] fermoso, inteiro, assi[m] decoro
 Adorna quem o tem, como o tomou,*
 Quando se ouvir o extremo som sonoro.

*

— Mas, oh! que temor súbito ocupou
 Vosso peito famoso, ó Portugueses?
 Que pávido temor vos lanceou?
 Que lançadas, que golpes, que reveses
 Vos fizeram fazer tamanha injúria
 Aos lusitanos bélicos arneses?
 Ou já de capitão sobeja incúria,
 Ou a fraqueza? Não; que ele sustentava,
 Co seu corpo dos bárbaros a fúria.
 Ou do férreo cano a força brava,
 Com estrondos que atroam mar e terra,
 Que os corações no peito congelava?
 Ou quem vos fez que os ímpetos da guerra
 Não sustent[á]ss[is]eis com valor ousado,*
 Desprezando o furor que a vida enterra?
 A vida pela Pátria e pelo Estado
 Pondo, vossos Avós a nós deixaram
 Terras, mares e exemplo sublimado.
 Eles a desprezar nos ensinaram
 Todo o temor. Pois como agora os netos,
 Supitamente, assi[m] degeneraram?

Que tão cedo de ca me leve a ver-te,
 Quão cedo de meus olhos te levou.

SONETO 3 (45-50)

esperança já perdida,
 tempo visitei;
 tempo nautragio que passei,
 tempo dos vestidos, pus a vida.
 tempo mais de mil[m], que destruída
 Me tens a glória toda que alcancei?
 Não cuides de forçar-me, que não sei
 Tornar a entrar onde não há saída.
 Vês aqui alma, vida e esperança,
 Despojos doces de meu bem passado,
 Enquanto [o] quis aquela que eu adoro.*
 Nelas podes tomar de mim vingança;
 E, se inda não estás de mil[m] vingado,
 Contenta-te coas lágrimas que choro.

SONETO 4 (...-81)

Amor é um fogo que arde sem se ver;
 É ferida que dói e não se sente;
 É um contentamento descontente;
 É dor que desatina sem doer;
 É um não querer mais que bem querer;
 É um andar solitário por entre a gente;
 É nunca contentar-se de contente;
 É um cuidar que ganha em se perder;
 É querer estar preso por vontade;
 É servir a quem vence, o vencedor;
 É ter com quem nos mata lealdade.
 Mas como causar pode seu favor
 Nos corações humanos amizade,
 Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

SONETO 5 (...-8)

Amor, que o gesto humano na alma escreve,
 Vivas faiscas me mostrou um dia,
 Onde um puro cristal se derreia
 Por entre vivas rosas e alva neve.
 A vista, que em si mesma não se atreve,
 Por se certificar do que ali via,
 Foi convertida em fonte, que fazia
 A dor ao sofrimento doce e leve.
 Jura Amor que brandura de vontade
 Causa o primeiro efeito; o pensamento
 Endoudece, se cuida que é verdade.
 Olhai como Amor gera, num momento,
 De lágrimas de honesta piedade,
 Lágrimas de imortal contentamento!

SONETO 6 (48-51)

Aparava-se Nise de Montiano,
 Em cuja alma, partindo-se, ficava
 Que o pastor na memória a del
 Por poder sustentar-se deste en
 pelas praias do Indico Ocean
 Sobre o curvo caído se enc
 E os olhos pelas águas along
 Que pouco se doíam de seu t
 — Pois com tamanha mágo
 (Dizia) quis deixar-me a qu
 por testemunhas tomo céu e
 Mas se em vós, ondas, mora
 Levei também as lágrimas
 Pois assim[m] me levais a ca

SONETO

Apolo e as nove Musas,
 Com a dourada lira, mi
 Na suave harmonia que
 Quando tomei a pena, c
 — Ditoso seja o dia e
 Tão delicados olhos m
 Ditosos os sentidos q
 Estar-se em seu dese
 Assim cantava, qua
 A roda à esperança,
 Tão ligeira, que qu
 Converteu-se-me e
 E, se alguma espera
 Será de maior mal

5

AQUELA FERA hu
 Sua presuntuosa
 Destas minhas e
 Amor um mal
 Se nela o Céu
 Quanto mostr
 Por que de n
 Por que de n
 Ora, enfim, i
 Senhora, coi
 Fazei disto
 Que, por n
 Já me fico
 De ver qu

PRIMEIRA PARTE / SONETOS

271

SONETO 6 (44-53)

APARTAVA-SE Nise de Montiano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava;
Que o pastor na memória a debuxava,
Por poder sustentar-se deste engano.
Pelas praias do Indico Oceano
Sobre o curvo cajado se encoitava,
E os olhos pelas águas alongava,
Que pouco se doíam de seu dano.
— Pois com tamanha mágoa e saudade
(Dizia) quis deixar-me a que eu adoro,*
Por testemunhas tomo céu e estrelas.
Mas se em vós, ondas, mora piedade,
Levai também as lágrimas que choro,
Pois assim[m] me levais a causa delas.

SONETO 7 (46-51)

APOLLO e as nove Musas, descantando
Com a dourada lira, me influiam
Na suave harmonia que faziam,
Quando tomei a pena, começando:
— Ditoso seja o dia e hora, quando
Tão delicados olhos me feriam!
Ditosos os sentidos que sentiam
Entrar-se em seu desejo traspassando! —
Assim[m] cantava, quando Amor virou
A roda à esperança, que corria
Tão ligeira, que quase era invisível.
Converteu-se-me em noite o claro dia;
E, se alguma esperança me ficou,
Será de maior mal, se for possível.

SONETO 8 (...-74)

AQUELA FERA humana que enriquece
Sua presuntuosa tirania
Destas minhas entranhas, onde cria
Amor um mal que falta quando cre[s]ce;
Se nela o Céu mostrou (como parece)
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Por que de minha vida se injuriava?
Por que de minha morte se ej[n]obrece?
Ora, enfim, sublinhai vossa vitória,
Senhora, com vencer-me e cativar-me:
Fazei disto no mundo larga história,
Que, por mais que vos veja maltratar-me,
Já me fico logrando desta glória
De ver que tendes tanta de matar-me.